

Rondon, o marechal da selva

Israel Blajberg^a

Resumo: O presente trabalho versa sobre o legado de cidadania do Marechal Rondon, Soldado de Mimoso, Herói do Brasil. Aborda sua formação militar e positivista, que muito contribuiu para vencer o desafio da floresta, uma epopeia que o colocou no elevado patamar de Herói do Brasil, e indicado ao Prêmio Nobel da Paz. Também é abordada a Epopeia Rondoniana das Revoluções, onde brilhou o seu lado de soldado combatente.

Palavras Chave: Comunicações, Amazônia, Rondon,

SOLDADO DE MIMOSO, HERÓI DO BRASIL (1865–1881)

A História do Brasil incorporou às suas páginas figuras de grandes soldados, do qual apresentamos breve perfil sobre um dos seus mais lídimos representantes, ainda próximo na linha do tempo, misto de soldado e apóstolo, Rondon, ícone da integração nacional, explorador

da Amazônia, incomparável indigenista, soldado exemplar e severo, ciioso da honra militar.

Contemplando sua figura retratada em tradicionais imagens, o porte altivo e a fisionomia serena não deixam dúvidas quanto a sua origem, ele que pelo lado materno herdou o generoso sangue indígena que corria em suas veias, das nações Terena e Bororo. Rondon, no alvo-recer do século passado, demons-

^a Engenheiro e professor. Sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



trou na prática o significado do respeito aos direitos humanos das minorias, algo revolucionário para a época.

Pois é este brasileiro, descendente dos nossos índios, cujo nome ombreia com David Livingstone e Henry Stanley, exploradores das bacias dos rios Congo e Zambeze, no coração da África; Amundsen e Byrd, exploradores do Polo Sul; Percy e Chacot, exploradores das terras Árticas, tendo sido consagrado pelo Conselho Nacional de Geografia (CNG) como o “Civilizador do Sertão”.

Entretanto, este breve relato sobre o Marechal, que viveu quase 93 anos, seria insuficiente para enaltecer os feitos Rondonianos que legaram ao Brasil a história de uma epopeia de desbravamentos, descobertas científicas, e ações humanitárias que lhe valeu o justo reconhecimento mundial “o maior explorador de terras tropicais” pela Sociedade de Geografia de Nova York (EUA),

Vamos assim nos ater ao seu papel não menos relevante na História Militar do Brasil, igualmente valioso, mas talvez menos conhecido,

ele que foi um grande herói em tempos de paz.

Trata-se de um ilustre confrade, cujo nome avulta entre os que assinaram a histórica ata de fundação da então Sociedade Militar Brasileira de História e Geografia.

Com efeito, aos 7 de novembro de 1936, reuniu-se no salão nobre do Clube Militar um grupo formado por oficiais do Exército e da Marinha, idealistas e intelectuais, sob a feliz inspiração do então Capitão de Infantaria Severino Sombra de Albuquerque. A sociedade entraria em funcionamento oficialmente aos 15 de novembro de 1938, já com o nome de Instituto de Geografia e História Militar, reunindo, a exemplo de Rondon, outros grandes nomes que deixaram marcas indeléveis na cultura militar brasileira.

Em 1865, enquanto rugia o alvo-recer da Guerra da Tríplice Aliança com a invasão de Mato Grosso, poucos meses depois do ataque paraguaio ao Forte de Coimbra, enfrentado pelo Tenente Antônio João e seu punhado de bravos, um menino predestinado nascia em Mimoso, no mesmo Mato Grosso.



5 de maio, este dia histórico ficou eternizado pelas comemorações anuais do Dia Nacional das Comunicações e do Dia da Arma de Comunicações do EB, em memorável homenagem a seu Patrono

Aos 5 de maio de 1955, data de seu aniversário de 90 anos, muito justamente recebeu o título de Marechal do Exército Brasileiro concedido pelo Congresso Nacional, e no ano seguinte o Território Federal do Guaporé teve seu nome alterado para Território Federal de Rondônia.

Fez jus aos seus antepassados, de quem trouxe na alma o gosto pela natureza, onde vive o povo da floresta, gente brava, caçadores, pescadores, a labutar pelo sustento da família a cada novo dia.

É sobre o soldado de Mimoso, herói do Brasil, que ora iremos brevemente discorrer

FORMAÇÃO MILITAR E POSITIVISTA (1881–1892)

O jovem Cândido Mariano concluiu a escola normal com distinção aos 16 anos, no Liceu Cuiabano.

Foi nomeado professor, mas a carreira das armas o atraiu, e, como voluntário, logo assentou praça no 3º Regimento de Artilharia a Cavalos, de Cuiabá, sendo incluído na 4ª Bateria, então comandada pelo Capitão Hermes da Fonseca, futuro Ministro da Guerra e Presidente da República.

Aos 18 anos foi aprovado e matriculado na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, onde cursou sucessivamente o Preparatório e os cursos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia. Teve como colega de turma, na classe de 1888, Euclides da Cunha. Para Rondon, *Os Sertões* era comparável aos *Lusíadas* ou a *Dom Quixote*.

Corria a segunda metade do século XIX, quando a Escola Militar da Praia Vermelha (1855-1904) se constituiu em celeiro de bravos tenentes e capitães da Guerra do Paraguai, e dos artífices da Reforma Militar (1889-1915).

Em seguida tirou o Curso de Estado-Maior de 1ª Classe e cursou Matemática e Ciências Físicas e Naturais na então Escola Superior de Guerra do Brasil, obtendo, em 1890,



aos 25 anos, o título de Engenheiro Militar e o diploma de Bacharel em Matemática e em Ciências Físicas e Naturais, 1º colocado da sua turma.

Ainda cadete da Praia Vermelha teve participação nos movimentos abolicionista e republicano, e, como aluno e fiel seguidor do mestre Benjamin Constant Botelho de Magalhães, um dos mais ardorosos pregadores da Filosofia Positivista no Brasil, foi muito influenciado. Com efeito, até o fim dos seus dias pautou sua existência pela Religião da Humanidade, pregada por Augusto Comte.

Assim, partidário da Abolição e da República, tomou parte na conspiração com Augusto Tasso Fragoso, ao servirem de ligação, a cavalo, do foco revolucionário concentrado em São Cristóvão, e na madrugada do 15 de novembro com o almirante Wandenkolk no Clube Naval. Ao falecer, foram as últimas palavras de Rondon: "Viva a República!"

Já tenente foi nomeado catedrático substituto de Astronomia e Mecânica Racional da Escola Militar,

indicado que foi pelo General Benjamin Constant. Entretanto, não desejou ocupar a cátedra, e abdicando da carreira docente, aceitou um convite para trabalhar como ajudante na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas, chefiada pelo então coronel Gomes Carneiro.

A Escola perdeu um instrutor, mas o Brasil ganhou o desbravador dos sertões que passaria à História.

DESAFIO DA FLORESTA: A EPOPEIA RONDONIANA (1892–1918)

Abdicou da perspectiva de uma brilhante carreira no magistério, ao assumir a Chefia do Distrito Telegráfico de Mato Grosso para dedicar-se à árdua tarefa de dirigir a Comissão de Construção da Linha Telegráfica de Mato Grosso a Goiás, mais condizente com as suas convicções positivistas.

Esta primeira missão revelaria um jovem oficial de visão humanista, permitindo que as obras de lançamento de linhas desbravando a selva transcorressem em paz, iniciando numa imensa e desconhecida



região a grande obra do militar, estudioso, sertanista e acima de tudo humano.

Com efeito, Rondon procurou combinar o seu compromisso de militar com a defesa da Pátria e as ideias da Religião da Humanidade, realizado a prática humanista pregada pelos positivistas: buscar a integração dos indígenas com o Brasil em seu processo de desenvolvimento civilizatório.

Em 1906 encontrou as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, uma das mais importantes relíquias históricas da Amazônia.

Em 1907, major do Corpo de Engenheiros Militares, recebeu a chefia da comissão da linha telegráfica Cuiabá-Santo Antônio do Madeira, a primeira a adentrar a hileia amazônica, justamente denominada "Comissão Rondon", missão que se estenderia até 1915, ao mesmo tempo em que eram lançados os trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, entre 1907 e 1912, iniciando a ocupação de um espaço até então quase que completamente isolado e desconhecido que era parte

do Mato Grosso, hoje o estado de Rondônia.

Desta época marcante data a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e a chamada expedição Roosevelt-Rondon, com o ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt.

Em 1913, Rondon, atingido por uma flecha envenenada dos índios Nhambiquaras, detida pela bandleira de couro de sua espingarda, transmitiu a seus soldados a ordem, vinda do fundo da sua alma indígena, jamais vista na História Militar, determinando: "Morrer se necessário for! Matar nunca!"

Honrava seus ancestrais, eis que trazia em suas veias o sangue indígena, sob a égide da frase que entrou para a História, e que certamente só poderia ter partido de um grande pacifista, o Santo Soldado, Apóstolo das Selvas.

Atendendo a pedido do Rei Alberto da Bélgica e da rainha, em visita ao Brasil e interessados em conhecer sua obra, foi chamado ao Rio. Rondon fez ao rei da Bélgica e



Rondon junto com indígenas no trabalho de direção da Comissão de Construção da Linha Telegráfica de Mato Grosso a Goiás

esposa minucioso relato de sua atuação, sendo condecorado com a comenda da Ordem do Rei Leopoldo, a maior da Bélgica.

Revelava-se assim ele que poderia justamente ser considerado o maior herói nacional do século XX, quando ao estender os limites oeste da “Ilha Brasil”, interpreta e afirma na prática a ideologia da identidade mestiça do povo brasileiro, refletindo a ideia da convivência fraterna entre as raças, em uma época em

que o conceito de responsabilidade social ainda não havia sido cunhado, nem a proteção às populações indígenas era valorizada e considerada politicamente correta, fosse no Brasil ou no exterior.

As dimensões gigantescas da obra de Rondon podem ser avaliadas quando se sabe que ainda hoje, com tamanho avanço tecnológico, menos de 10% das aldeias indígenas são atendidas pela telefonia fixa.



Rondon Soldado e as Revoluções (1919–1930)

Aos 54 anos Rondon foi elevado ao generalato, sendo em 1919 nomeado pelo Ministro de Estado Pandiá Calógeras para a Diretoria de Engenharia do Exército, passando a executar inúmeras obras e melhoramentos nas instalações militares, inclusive nas Linhas Telegráficas.

A construção dos primeiros novos quartéis nos últimos 70 anos, iniciada pelo Ministro Marechal Hermes, teve grande impulso com Calógeras, ao entregar a direção técnica a Rondon, implantando mais de 100 modernas casernas e obras militares pelo Brasil afora, além da aquisição de 25 imóveis.

Em 1922 atuou como Inspetor das Obras Contra as Secas no Nordeste, relatando como uma das causas das secas a desertificação promovida pelo homem através do desmatamento. Sobre o Rio São Francisco, já naquela época alertava sabiamente não poder o rio servir a três senhores a um só tempo: irrigação,

geração de energia e navegação, se não fosse reflorestada a região por ele atravessada.

Entre as obras realizadas pelo Brasil sob a direção técnica de Rondon, contam-se os prédios do atual 1º Batalhão de Polícia do Exército, construído para ali funcionar a Escola de Comando e Estado-Maior, o quartel da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, da Escola de Sargentos das Armas, da antiga Escola de Veterinária e um sem número de quartéis tipo Calógeras, como os de Pouso Alegre e o 4º Batalhão de Engenharia de Combate, de Itajubá.

É digno de menção, por abrigar hoje o atual Museu Militar Conde de Linhares, com seu rico acervo histórico, o quartel da Quinta da Boa Vista que sediou o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), um ícone da comunidade de Oficiais R/2, prédio neoclássico construído em 1920 no Governo Epitácio Pessoa pelo General Rondon, onde tantos cursaram, e de onde muitos, em um dia já distante do ano de 1944, partiram rumo ao desconhecido, para, sob a bandeira brasileira, defender a democracia e



a liberdade mundial nas alturas geladas da Itália.

Quem passa ao longo do Corpo da Guarda em direção ao pátio interno, por uma espécie de túnel atravessando o prédio, ladeado por duas clássicas escadarias de madeira em caracol, depara ainda hoje com a elegante placa onde letras cuidadosamente esculpidas recordam que a construção do quartel do CPOR foi “iniciada em agosto de 1920, terminada em outubro de 1921, sendo Presidente da República o Dr. Epitácio Pessoa, Ministro da Guerra o Dr. Pandiá Calógeras, Director de Engenharia o Gen Cândido Rondon, Encarregado das Obras o Major Volmer Silveira, e Auxiliar da Construção o 1º Ten Durval Britto”.

Em 1921 Rondon serviu na Missão Militar Francesa (MMF) como estagiário, devotado e admirado. Perguntado ao General Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa e herói da 1ª Guerra Mundial, em caso de guerra qual general seu ex-aluno indicaria para comandar o Exército – respondeu, o general Rondon. Foi aluno brilhante da

Missão, tendo como instrutor o próprio General Gamelin. Rondon foi um dos comandantes de uma das peças de manobra das célebres Manobras de Saicã, em 1922, e Pirassununga, em 1926. Foi quando surgiu grande amizade e admiração recíprocas, a ponto de Rondon visitar Gamelin em sua casa e ver o seu retrato de consagrado sertanista na sala do mestre.

Possivelmente tenha partido do Chefe da MMF a indicação de Rondon ao Ministro da Guerra General Setembrino, para pacificar o Paraná e Santa Catarina em 1924. Rondon teve brilhante desempenho ao evitar mal maior como comandante-em-chefe das forças em operações com QG em Ponta Grossa, combatendo revoltosos de São Paulo sob a liderança do General Isidoro Dias Lopes. Essa campanha culminou no combate de Catanduvás, vencido pelas forças legais, impondo a dispersão da coluna rebelde e seu internamento na Argentina.

Em 1922 foi inclusive convidado pelo positivista Dr. Borges de Medeiros para comandar a Revolu-



ção de 22, o que recusou sob o argumento: "Somos positivistas". Foi para ele a missão mais difícil e um drama de consciência ter de combater irmãos, durante quase nove meses, mas tinha para si que a missão era pacificadora, em prol do bem comum e a serviço da Pátria e da família, em consequência do que tinha obrigação de defender o Governo constituído. Foram seus oficiais de estado-maior Eurico Gaspar Dutra, Pedro Aurélio Góes Monteiro e o pai do Gen Ex Antonio Jorge Correia.

Atuou procurando reduzir ao mínimo as consequências da luta fratricida, empregando regimentos policiais da Bahia e Rio Grande do Sul, evitando, assim, lançar integrantes do Exército uns contra os outros. Forçou os revoltosos a se internarem no Paraguai, de onde passaram para Mato Grosso ao comando do General Miguel Costa, dando origem à Coluna Miguel Costa-Prestes. Elogiou o Capitão Juarez Távora que recusou o reforço de tropas paraguaias para lutar contra o governo brasileiro.

A batalha maior foi em Catanduvas. Ali os revolucionários, ao comando do Capitão Nelson de Mello, foram cercados e aprisionados. O General Rondon cuidou de enviar Nelson de Mello e seus comandados por caminhos discretos, de modo que não fossem desacatados ou humilhados.

Vinte anos depois, aquele jovem capitão seria o comandante do 6º Regimento de Infantaria, que presidiria a rendição em Forno do General Otto Freter Pico, comandante da 148ª Divisão de Infantaria alemã, com 16 mil homens, 500 peças de artilharia e 4 mil cavalos, episódio que cobriria de glória a FEB.

Fala do seu competente desempenho como soldado, no combate à Revolução de 1924, o seguinte aviso do Ministro da Guerra, o General Setembrino de Carvalho, no Boletim de 17 de agosto de 1924, do Departamento da Guerra:

O General Cândido Mariano Rondon, como Comandante em Chefe das Tropas de Operações contra os rebeldes no Paraná e em Santa Catarina, impôs-se a



nossa franca admiração, pela capacidade de que deu provas do cabal desempenho das funções a que foi chamado a exercer, tendo realizado com inquebrantável energia cívica uma grande obra em benefício da civilização.

Temos por isso de louvar, em nome do Presidente da República, esse general que acaba de enriquecer a sua fé de ofício com uma página brilhante de inteligência, cultura, iniciativa, ponderação, magnanimidade e tenacidade que o tornam incomparável Chefe Militar.

De 1927 a 1930 teve como missão realizar a inspeção minuciosa das fronteiras brasileiras, desde o Norte, até Santa Catarina, num total de 15 mil quilômetros. Nesta empreitada Rondon acabou legando ao Estado-Maior do Exército um acervo de filmes, fotografias, cartas, esboços e análises econômicas e sociais das regiões fronteiriças.

Foi esta a sua última missão no serviço ativo, pois a Revolução vitoriosa de 1930, como figura expressiva que fora da República Ve-

lha, causou-lhe sérios aborrecimentos, levando-o a pedir transferência para a Reserva.

A Revolução de 30 foi encontrá-lo no olho do furacão, o Rio Grande do Sul. Com a deposição de Washington Luiz e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, foi preso em Marcelino Ramos pelo General Miguel Costa que comandara a Coluna Miguel Costa.

Viajou escoltado de Marcelino Ramos a Porto Alegre por juristas enviados por Getúlio Vargas. Pediu para ser preso em navio como o comandante deposto da 3ª Região Militar, mas foi-lhe recusado, sendo acomodado no Grande Hotel, tendo Porto Alegre por menagem.

Ali se hospedavam Oswaldo Aranha e esposa, que o procuraram e tudo fizeram para que aderisse à Revolução, o que ele se recusou com a mesma argumentação positivista usada em 1922.

Aos 65 anos, formula pedido irrevogável a Getúlio Vargas de reforma do Exército, ao que responde este com elogios aos seus serviços. Mas aceitou, dado seu pedido. Getúlio lhe falou que estava “em dia



com o Serviço Militar no Exército, mas não com o serviço da nação que muito precisa e muito espera dele!”

RONDON – HERÓI NACIONAL (1930–1958)

Reformado como general-de-divisão, posto máximo no Exército de então, em 6 de novembro de 1930, Rondon era, a essa altura, um herói monumental da humanidade e do Brasil e, como tal, foi cercado de todas as considerações pela Revolução de 30.

Mais tarde ele se tornaria um grande colaborador de Getúlio Vargas.

O Grande General soube bem conciliar a sua filosofia positivista com a valorosa profissão de soldado do Brasil, do que deu cabal demonstração em tantos acontecimentos

ora brevemente descritos, impondo-se ainda ao mundo como positivista, adepto da Religião da Humanidade, por sua obra ciclópica sem igual de explorador sem mácula da selva tropical em favor do índio.



Cândido Rondon, fotografado no posto de general durante a década de 1920

Mesmo já reformado, outras missões o aguardavam. Nomeado Inspetor de Fronteiras, elaborou diversos preciosos relatórios, sendo ainda Chefe da Comissão Telegráfica de 1931 a 1934, por insistência do Presidente da República Getúlio Vargas.

De 1934 a 1938 presidiu missão diplomática mediando e arbitrando o conflito Peru-Colômbia

pela posse do porto de Letícia, nomeado que foi por Getúlio representante brasileiro na Comissão Mista de Delegados do Brasil, Peru e Colômbia.

O litígio fronteiriço foi sanado, sendo estabelecido um tratado de



paz, mas Rondon cumpriu a missão com grande sacrifício, pois estava idoso e doente, vitimado pelo glaucoma.

Nos próximos 15 anos iria ocupar a função de Presidente do Conselho Nacional de Proteção ao Índios, de 1939 a 1955, pouco antes de deixar este mundo.

NOBEL DA PAZ: DE EINSTEIN A JUSCELINO KUBITSCHK (1925–1956)

É interessante lembrar as duas vezes em que o Marechal foi muito justamente indicado para o Prêmio Nobel da Paz.

Um evento vagamente mencionado na literatura internacional foi a estadia de Einstein na cidade maravilhosa em 1925, a convite da Academia Brasileira de Ciências, da Escola Polytechnica e do Clube de Engenharia, quando esteve com o Presidente Arthur Bernardes, realizando conferências no Museu Nacional.

Em 1919 sua teoria da relatividade geral havia sido comprovada

num eclipse observado em Sobral. Na despedida demonstrava admiração: “Grande apresentação cinematográfica da vida dos índios e seu desenvolvimento exemplar através do general Rondon, um filantropo e líder de primeira ordem”, escrevia ele. Ao deixar a cidade, o físico alemão enviou do navio um telegrama ao Comitê Nobel, sugerindo o nome de Cândido Rondon para o prêmio Nobel da Paz. Embora não tivesse encontrado Rondon pessoalmente, Einstein, ele mesmo Nobel de Física de 1921, ficou muito impressionado com o que ouviu sobre suas atividades “na integração das tribos indígenas ao homem civilizado, sem o uso de armas nem de qualquer tipo de coerção”.

A honraria, inexplicavelmente jamais concretizada, também foi proposta por Juscelino Kubitschek, como noticiava o jornal *O Globo* em primeiro de novembro de 1956:

“[...] ‘Esta é a maior emoção da minha vida, presidente! É também a maior surpresa!’ exclamou o Marechal, quando o Dr Juscelino Kubitschek entrou em sua residência, na Avenida



Nossa Senhora de Copacabana 1394, para assegurar o apoio do governo à indicação do seu nome para o Nobel.

O Presidente abraçou o velho soldado, então com 91 anos e meio e comentou: ‘Todas as honras são poucas para homenageá-lo, marechal. Quanto mais visito o interior do Brasil, mais me é dado apreciar seu trabalho admirável. O senhor merece muito mais, marechal.’”

Em 1957 foi indicado para o prêmio Nobel da Paz, pelo Explorer's Club, de New York. Rondon, por sua obra em prol da Paz, ideal que esteve sempre presente e perseguido em suas atuações, foi proposto em 1957 por 15 nações para o Prêmio Nobel da Paz.

UM LEGADO DE CIDADANIA

O Marechal Rondon foi agraciado pelo Exército com a Medalha Militar de Ouro passador de platina, por mais de 40 anos de bons serviços, e com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar, além de outras condecorações nacionais e estrangeiras,

como a Medalha de Ouro Mérito da Sociedade Geográfica Brasileira, Medalha da Colônia de Mato Grosso no Rio de Janeiro, Grã Cruz da Legião de Honra da França, Ordem do Mérito da República da Itália, Ordem Isabel a Redentora de Portugal, Grande Oficial da Ordem do Sol do Peru, Ordem Boyacá da Colômbia, Ordem La Couronne da Bélgica e medalhas Crevaux da Sociedade Geográfica de Paris e de bronze do Clube de Exploradores dos EUA.

Rondon é um nome que os brasileiros pronunciam com muito orgulho, uma figura que dignifica a nacionalidade, um ícone a servir de paradigma nos tempos que correm. O Brasil soube reconhecer a sua obra. De Norte a Sul é comum encontrar ruas e escolas com o nome do marechal. Estradas, aeroportos, Universidades, turmas de formação civis e militares, parques, hospitais, enfim, contam-se aos milhares as homenagens prestadas.

A consagração universitária do grande soldado veio em 1968, com a criação do Projeto Rondon, por Decreto Presidencial, objetivando



conduzir a juventude a participar do processo de integração nacional.

Nada mais justo que este soldado exemplar se tornasse o Patrono das Comunicações – a Arma do Comando, justamente consagrado por Decreto de 1962.

A cada formatura, quando desfila uma Unidade da Arma de Comunicações do Exército Brasileiro, ao bradar o seu nome honrado, os ensinamentos e a mensagem que ele nos deixou revivem mais uma vez. Nestes momentos, o eco das marchas militares leva para o alto uma recordação a uma figura serena, de porte altivo, que se rejubila pelos Soldados das Comunicações, ele que foi o pioneiro legendário e seu maior expoente, sob cuja inspiração atuam.

Ao recordar, ainda que *em passant*, a sua obra extraordinária, pode-se avaliar e entender o valor do exemplo que legou as futuras gerações. O ânimo com que se lançou na tarefa de interligar os mais distantes rincões da pátria pelas linhas telegráficas certamente foi precioso incentivo para todos aqueles que dedicaram a sua vida profissional a

perseverar no cumprimento da missão a que se dedicou.

Rondon, teve a estatura de um Mahatma Gandhi, e melhores desígnios que o nosso Grande Patriarca e Mestre Moisés, porque teve a graça de adentrar a Terra Prometida, vivendo a notável epopeia de interligar o Brasil. No Mundo Simbólico, sem Internet e Celulares, o genial Carlos Drummond de Andrade assim o retrata no *Pranto Geral dos Índios*:

*“Eras dos nossos voltando à
origem
e trazias na mão o fio que fala
e o foste estendendo até o maior
segredo da mata
A piranha a cobra a queixada a
maleita
não te travavam o passomilitar
e suave”*

Se hoje temos um país onde a distância perdeu o significado, graças à Internet, aos satélites, aos cabos ópticos e aos celulares, é por que soubemos continuar e completar a obra gigantesca que Rondon iniciou, quando a simples comunicação telegráfica tanto representou para o Brasil do começo do século.



Rondon soube bem conciliar a sua filosofia positivista – a Religião da Humanidade, ao impor-se ao mundo por sua obra em favor do índio, com a sua profissão de soldado.

Seus últimos alentos foram para invocar pensamentos de Augusto Comte, encerrando uma longa vida dedicada as duras lides da carreira das armas, que tão bem soube desempenhar e honrar.

Rondon faleceu em 1958, no Rio de Janeiro, sendo seu corpo velado no Clube Militar, com honras de chefe de estado. O trajeto do féretro incluiu a Igreja Positivista da Rua Benjamin Constant na Glória, onde lhe foi prestada a última homenagem.

Ao longo dos 92 anos de uma vida rica e colorida, o grande soldado cumpriu galhardamente a sua missão, mas o valor simbólico da ação amazônica rondoniana se reforça a cada dia, de vez que a história moderna apenas confirma o acerto das ideias daquele soldado visionário e com o coração cheio de esperança, o precursor da marcha para oeste iniciada pelas Forças Ar-

madas brasileiras na segunda metade do Século XX, seja em terra, nos rios ou no ar.